

Codínome Clemente

Brasil/2018/Documentário/101'

Um filme de Isa Albuquerque



Distribuição

Tucuman/Fênix Filmes

Direção

Priscila Miranda

Fone: +55 (21) 2051-4834

priscila@fenixfilmes.com

Imprensa

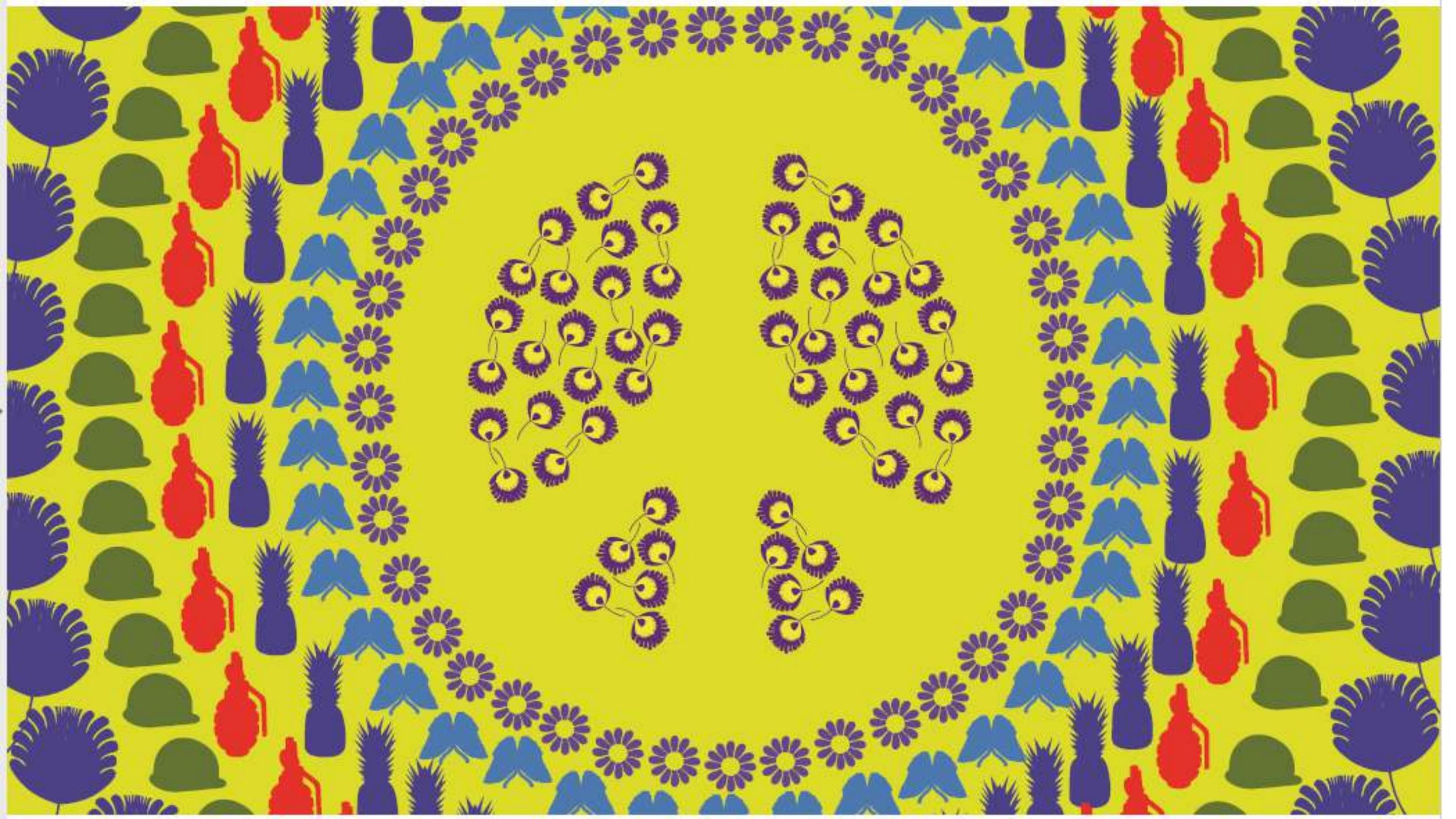
Narda Staël Gracine

imprensa@fenixfilmes.com

Programação

Ana Florença

programacao@fenixfilmes.com



SINOPSE

Entre conversas, memórias e reconstituições, *Codiname Clemente* registra os encontros da diretora Isa Albuquerque com Carlos Eugênio Paz, ex-militante da luta armada contra a ditadura militar nos anos 1960 e 70. Sob a alcunha de “Clemente”, Carlos Eugênio integrou a ALN (Aliança Libertadora Nacional), participou de inúmeras ações urbanas e, neste documentário, relembra toda a sua trajetória na clandestinidade. O filme inclui ainda depoimentos de antigos companheiros e imagens de arquivo que ajudam a resgatar um personagem controverso e um momento conturbado na história brasileira.

SOBRE O FILME

Sempre obscuro, o regime militar no Brasil (1964-85) ganha uma nova e contundente abordagem em *Codnome Clemente*. O terceiro longa-metragem da diretora Isa Albuquerque documenta conversas e encontros com Carlos Eugênio Paz, ex-guerrilheiro que pegou em armas contra a ditadura entre 1967 e 1973. Sob o codinome de Clemente, ele tornou-se um dos principais opositores do governo autoritário e nunca foi capturado por seus perseguidores. Sob as lentes da cineasta, Carlos relembra a juventude, a entrada na militância política ainda aos 16 anos de idade e as principais ações que encabeçou até ir para o exílio, primeiro em Cuba e depois na França.

Com memória prodigiosa, clareza de narrativa e franqueza desconcertante, Carlos Eugênio revela os fatos mais impactantes de sua atuação como comandante dos grupos táticos armados da ALN (Ação Libertadora Nacional). Manifestando muito afeto pelos companheiros que lutaram ao seu lado e pelas perdas que sofreu, ele narra à câmera de Isa Albuquerque, com impressionante riqueza de detalhes, os acontecimentos mais controversos de sua atuação na guerrilha. Dois momentos se destacam e ganham visões nunca antes abordadas no cinema de forma tão direta e perturbadora: a emboscada que culminou, em 1971, na morte de *Henning Boilesen*, industrial dinamarquês radicado em São Paulo que financiava atividades da Oban (órgão oficial do governo cujo objetivo era caçar opositores ao regime); e a execução, no mesmo ano, de um companheiro de guerrilha que se desconfiava traidor.

O convívio entre Carlos Eugênio e Isa Albuquerque começou em 2003, logo depois da realização do primeiro longa da diretora, Histórias do Olhar. As conversas entre os dois logo chegaram na vontade de Isa em registrar, documentalmente, as histórias de Carlos. Após realizar seu segundo filme, Ouro Negro, e lançá-lo em 2009, a cineasta passou a colher depoimentos do escritor e ex-guerrilheiro ao longo dos seis anos seguintes, em diversas ocasiões e também em vários lugares: andanças por ruas e bairros de São Paulo onde ele atuou na guerrilha, conversas num estúdio no Rio de Janeiro, encontros com antigos amigos dos tempos de exílio em Paris, homenagem numa cerimônia de anistia em Belo Horizonte. No filme, a cineasta também ouve velhos companheiros de luta e de militância de Carlos Eugênio, com depoimentos de ex-integrantes da ALN, do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária).

Por sempre ter conseguido escapar dos inúmeros cercos a que foi submetido pelos agentes da repressão, Carlos Eugênio parece não carregar o terror da maior parte dos sobreviventes da ditadura que sofreram torturas nos porões do governo. Por sua vida ser marcada pela resistência, combate e lutas, sua fala é impregnada de espontaneidade e objetividade - o que por vezes pode aparentar frieza, mas se aproxima muito mais da resignação e da aceitação de uma vida dedicada a enfrentar um sistema de opressão social e política, formado por inimigos armados e dispostos a qualquer coisa para tirá-lo de cena.

Ao longo de toda a produção de *Codinome Clemente*, Isa Albuquerque pesquisou recortes, fotografias e todo tipo de registro no Arquivo Nacional, nos acervos do *Jornal do Brasil* e da revista *O Cruzeiro*, na Cinemateca Brasileira, no Institute National du Audiovisuel (França) e no Difilm (Argentina). Ela também compartilhou material com outros dois cineastas que fizeram documentários sobre a ditadura, Silvio Da-Rin (*Hércules 56*) e Chaim Litewski (*Cidadão Boilesen*). No intuito de dinamizar a narrativa de *Codinome Clemente*, a diretora ilustra, com desenhos e animações, algumas passagens narradas por Carlos Eugênio Paz. As artes foram elaboradas por Gilberto Lefevre, Suzana Lefevre e Sylvain Barrè.

Utilizando o cinema como instrumento de alteridade, Isa Albuquerque faz, em *Codinome Clemente*, o urgente resgate de um nome histórico das lutas contra a opressão governamental no Brasil. Nas suas convicções e contradições, Carlos Eugênio Paz, hoje aos 67 anos, resume, nas memórias e no corpo, a complexidade de um país que ainda não se acertou com a própria história e com seus tempos mais sombrios.



NOTA DA DIRETORA

por Isa Albuquerque



Eu sempre soube farejar uma boa história. E, em se tratando de Carlos Eugênio Paz, o Clemente, era um verdadeiro achado: um rebelde dos anos 1960 que até hoje busca o seu lugar no mundo e na memória histórica do seu tempo. Ao abraçar o desafio de elaborar esta cinebiografia para contar a história de sua geração, eu tinha a clareza de que não seria um filme comum, pois o destino me trouxe o comandante dos grupos táticos armados, da Ação Libertadora Nacional, sucessor de Marighella no comando da mais ativa organização da esquerda armada, que estava relegado ao ostracismo (pela própria esquerda) e havia sido condenado à morte (pela direita). Entretanto, era o único militante disposto a abrir o jogo e a contar tudo o que viveu, sem reservas.

A fim de me aprofundar na interpretação desse personagem extraordinário, gravamos muitas horas, comemos muito sal juntos e voltamos várias vezes aos mesmos assuntos, especialmente aos temas que mais o incomodavam, muitas vezes sob mediação de sua companheira, a historiadora Maria Claudia. Ouvi os amigos da clandestinidade e autoridades constituídas, antigos companheiros de armas que lutaram ao seu lado e tiveram a sorte de sobreviver aos anos de chumbo. Frequentei o Arquivo Nacional muitas vezes, em busca de imagens emblemáticas que representassem o calor daquela experiência de vida. Estava disposta a fazer um documentário sobre a resistência armada à ditadura. Um filme de ação, embora documental, evitando a abordagem dos torturados que havia se tornado a temática recorrente em quase todos os filmes sobre o assunto. Menciono *Hércules 56* (2007), de Sílvio Da-Rin, e *Cidadão Boilesen* (2009), de Chaim Litewski, como exceções, que apresentam, cada um à sua maneira, a versão dos guerrilheiros clandestinos em combate. No processo de realização de *Codínome Clemente*, os dois diretores foram muito importantes e agradeço a eles pela generosidade de partilharem seus acervos de imagens.

Codínome Clemente apresenta os guerrilheiros com a dignidade e a bravura que merecem, no enfrentamento de forças praticamente invencíveis. Carlos Eugênio Paz, apesar de todos os crimes prescritos que cometeu, é um homem de princípios, amoroso com seus amigos e com sua companheira, dono de memória fotográfica sobre a presença dos companheiros nas ações armadas e da narrativa articulada de quem se defendeu durante dez anos num divã de analista. Reconhece que perdeu a guerra contra a ditadura, muito embora acredite que a história viva em ondas e que, muito em breve, um novo caminho revolucionário irá quebrar a chamada “nova ordem mundial” vigente desde a Segunda Grande Guerra e que concentrou metade do dinheiro do mundo na mão de 8 indivíduos muito poderosos.

Eu, por fim, sou uma humanista fascinada pelo modo como o indivíduo molda a história e o seu próprio destino com atitudes, imagens e palavras. Por acaso a minha narrativa e a de Carlos Eugênio estão irmanadas em um momento crucial da vida no país. O ano de 2018 não será fácil, mas será o ano em que faremos contato com o público ávido por conhecer o passado para não repeti-lo no futuro. Este é o propósito de *Codínome Clemente*.



ENTREVISTA

Isa Albuquerque, diretora de *Codinome Clemente*

Como se deu seu contato com e interesse por Carlos Eugênio Paz para decidir fazer um documentário sobre a trajetória dele na militância e na luta armada contra a ditadura militar?

Quando eu escolho realizar um filme, tenho a consciência de que terei que defender aquele projeto por anos: estudando o assunto profundamente, buscando recursos para sua realização, enfrentando a burocracia do audiovisual – mesmo quando, aparentemente, é um projeto pequeno, como é o caso do *Codinome Clemente*. Portanto, é melhor que o objeto a ser filmado seja capaz de despertar a minha paixão por cinema e também o interesse do público ao chegar às telas. Os filmes que venho realizando como diretora sempre têm algum viés político. Por outro lado, o auge da luta armada aconteceu quando eu era muito criança. Nasci tarde, para a luta armada. Meus pais foram proprietários de uma sala de cinema no interior do Maranhão, mas tornaram-se funcionários públicos quando migramos para a capital, São Luís. Passei a infância sob a sombra da repressão, numa família de classe média, frequentando escolas de freiras e tentando entender a ironia dos professores de História ao definirem o regime militar, vigente no país, como democracia. Claro que as informações circulam e, ao conhecer Carlos Eugênio Paz por intermédio de uma amiga roteirista, já no Rio, a Duba Elia, encontrei nele tema para uma cinebiografia forte, capaz de espelhar os sonhos, aspirações e lutas de toda uma geração que tentou virar o jogo para construir um mundo mais justo. Sua trajetória como personagem real da história ainda é pouco conhecida.

Compreender o seu papel no entrecchoque de forças, após a implantação do regime militar no país, é alertar as novas gerações para o perigo da militarização do poder. *Codínome Clemente* ganhou ainda mais relevância política neste momento de conservadorismo ululante no país.

Carlos Eugênio demonstra uma memória impressionante ao descrever operações e detalhes dos tempos de juventude. Qual era a dinâmica para fluir a relação com ele na feitura do filme, entre tantas horas de conversas em ambientes e situações distintas?

Com Carlos Eugênio Paz gravei, muitas vezes, os depoimentos sobre os mesmos temas em diversas fases do projeto, de sorte que as informações foram ganhando mais profundidade e amplitude com o tempo. Sua narrativa flui como um rio de águas ora tranquilas, ora turbulentas. Acompanhá-lo nos locais onde se desenrolaram as ações armadas também foi uma estratégia que adotei a fim de despertar memórias e emoções mais vivas, com a materialidade do teatro de operações. Tentei usar a maiêutica, de Sócrates, como método, a fim de induzi-lo, e aos demais entrevistados, a descobrirem suas próprias verdades. E busquei ouvir diversas fontes. O papel dos companheiros que participaram das ações por meio da política estudantil, como o jornalista Franklin Martins, o ministro Aloysio Nunes, o ex-secretário do Meio Ambiente do Rio Alberto Muniz, o ex-diretor da Comissão da Verdade de São Paulo Ivan Seixas. Deixei suas lembranças fluírem, com breves intervenções. Como eu mesma tomei todos os depoimentos, foi uma tarefa relativamente fácil elaborar o pré-roteiro para o filme, pois lembrava de todas as falas e conseguia editá-las mentalmente. Para além de saber o filme que pretendia fazer, ainda pude entregar todo o material para a experiente montadora Jordana Berg. É bom poder contar com outra pessoa mexendo no nosso material. São contribuições inestimáveis para o resultado final.

Algumas passagens são muito fortes, especialmente quando Carlos Eugênio descreve situações em que matou pessoas, tanto do lado dos opressores quanto até a execução de um companheiro. Qual a “distância justa” que você, como diretora, buscava quando vinham essas memórias mais violentas e controversas?

Quando se constrói uma cinebiografia, é preciso buscar a trajetória do personagem relevando seus feitos e também suas falhas trágicas. Eu prefiro um personagem controverso, intrigante e singular do que um personagem acima de qualquer crítica. Parodiando André Gide, não se faz bons filmes com boas intenções e bons sentimentos. O lado obscuro é muito importante na revelação de todo bom personagem. Os acertos devem ser destacados, mas também seus erros. Carlos Eugênio Paz, o Clemente, é um grande personagem. E por assumir todas as suas ações ele não se fragmentou. A escolha de sua história foi um grande acerto para a completude da narrativa da esquerda e do próprio país. Estamos vivendo um momento único, em que as narrativas são multipolares. *Codínome Clemente* vem acrescentar elementos novos e ainda não completamente absorvidos pelo senso comum.

A ditadura militar no Brasil aparece no cinema brasileiro desde meados dos anos 1980, com ficções, quase sempre criticadas por algumas representações desequilibradas ou questionáveis, e documentários, que mergulham em arquivos, documentos e entrevistas para resgatar aqueles tempos nebulosos. Como você pensa que Codinome Clemente se insere e contribui nesse histórico de filmes?

É da natureza do ser humano fugir das experiências dolorosas. Durante alguns anos, grande parte do público rejeitava o filme de conteúdo político com menções ao regime opressor dos militares. A ditadura brasileira matou muita gente e impôs terríveis suplícios aos militantes de esquerda e a seus familiares e simpatizantes. Para além disso, impôs o silêncio aos artistas, quebrou lideranças e descaracterizou o país. Por toda a América Latina os regimes ditatoriais se instalaram, produzindo terrorismo de Estado. É natural que o cinema “de protesto” tenha sido menos revelador e mais vacilante que a “música de protesto” daquela época. Além disso, há muito mais obstáculos entre um cineasta e sua obra do que entre um escritor, pintor ou compositor e suas criações. É bom lembrar que a censura prévia exercia seu poder até mesmo sobre as notícias de jornais. Imagine, então, sobre um filme, cujo roteiro deveria ser previamente lido e aprovado pela censura, para posterior financiamento pela Embrafilme, que era a agência de cinema daquela época. Agora, duas ou três gerações depois, esse tema voltou a ser amplamente abordado pelo cinema. É importante conhecer o passado para não repeti-lo. Quem brada hoje pelo retorno dos militares desconhece o passado recente. Codinome Clemente veio ajudar a preencher essa lacuna.

Os militantes da luta armada são pouco abordados, pelo cinema, em suas ações mais violentas – daí o detalhamento e a disposição de Carlos Eugênio Paz em falar abertamente sobre isso soe, às vezes, perturbadora. Você acredita que ainda há muitas lacunas a serem preenchidas nas memórias da luta armada no Brasil? Quais seriam elas?

Codiname Clemente veio dar voz à esquerda armada. Era uma guerra, e eles lutaram com unhas e dentes, canos fumegantes e granadas quando necessário. Eram homens e mulheres, por vezes garotos de tenra idade, plenos de convicções políticas, que não se pouparam dos maiores sacrifícios. O nosso personagem entrou na luta armada aos 16 anos. A narrativa predominante dos filmes até aqui realizados era a da vítima, nunca do combatente. Carlos Eugênio Paz quebra o silêncio, rejeita a autocrítica e descreve tudo o que viveu com a certeza de que cumpriu o seu papel histórico. Amado por uns, odiado por outros, ele é o retrato mais contundente de sua geração, numa América Latina açoitada pela Guerra Fria. Seu grande líder revolucionário, Carlos Marighella, fundador da ALN, está tendo a vida reconstituída pelo ator/diretor Wagner Moura. Em boa hora os dois filmes, sem qualquer planejamento conjunto, ficam prontos para lançamento e certamente dialogarão entre si. Recomendo ao público que assista a essas duas obras. Elas, certamente, se completarão.

Vinda de duas ficções (*Histórias do Olhar* e *Ouro Negro*), como foi sua experiência em *Codinome Clemente* de lidar com material documental de uma forma tão concisa (um único personagem) e tão potente (a ditadura militar)?

Eu sou jornalista de formação, trabalhei grande parte da minha vida com telejornalismo. Além disso, dou aula de roteiro em cursos livres e sei que a lógica do documentário é muito próxima da telerreportagem no que tange a apuração da pesquisa reunião de materiais de arquivo, gravação de falas que antecedem a elaboração do roteiro e da montagem. A concisão vem dessa experiência, certamente. Em televisão educativa, no Rio, realizei uma série documental intitulada *Homem Natureza*, juntamente com outros diretores, como Fabiano Maciel, Vicente Ferraz e Isabel Martinez, que também enveredaram pelo cinema. Entre a ficção e o documentário há uma grande diferença de elaboração. No documentário, procuro abrir a mente e desarmar o espírito para a realidade que se apresenta e, daí, retiro os elementos para a composição da narrativa. Já na ficção eu sou a senhora da história. Em qualquer dos gêneros, muitos talentos são chamados, muitas contribuições são apresentadas, mas o cinema não é uma democracia. O cinema é a arte do(a) diretor(a). Mas sem dúvida que, em grande parte, o mérito de uma boa cinebiografia cabe à escolha de um grande personagem com uma ótima história. Pois, no final das contas, como os nossos antepassados da pré-história, estamos todos em volta da fogueira ouvindo o relato de caçadas e aprendendo com a narrativa dos outros, sem correr perigo. E como a Sherazade, das *Mil e Uma Noites*, nossas vidas dependem de boas histórias.

(Produção de textos e entrevista: Marcelo Miranda)

↑ Av. Dr. Arnaldo
Pacaembu



AUTHENTIC PORTRAITS



FICHA TÉCNICA

Produção: Iris Cinematográfica

Direção e roteiro: Isa Albuquerque

Direção de fotografia: Katia Coelho e Naji Sidki

Trilha sonora original: David Tygel e Flávia Ventura

Assistente de câmera: Bruna Lessa e Marcelo Martins

Fotografia e câmera: Naji Sidki, Felipe Nunes e Isa Albuquerque

Montagem: Jordana Berg

Montagem adicional: Tamiris Gomes

Pesquisa de imagens: Antônio Venâncio e Isa Albuquerque

Pesquisa de texto: Vânia Guarize e Isa Albuquerque

Entrevistados no filme: Carlos Eugênio Sarmiento Coelho Da Paz (Clemente), Alberto Muniz, Ilma Noronha, Aloysio Nunes, Franklin Martins, Valéria Paz, Valderez Paz, Maurice Politi, Ivan Seixas, Guiomar Lopes, Carlos Russo, Roberto Spinoza, Takao Amano, Yollande Yousef, Leonel Itaussu, Maria Claudia Badan.





SOBRE A FÊNIX FILMES

Presente no mercado nacional desde 2011, a Fênix Filmes é uma distribuidora independente com foco no melhor da produção cinematográfica mundial. A empresa vem trazendo para o Brasil, filmes que encantaram público e crítica nos principais festivais internacionais. Entre os principais lançamentos, estão: "A Juventude", de Paolo Sorrentino; "De Amor e Trevas", de Natalie Portman; "Nahid: Amor e Liberdade", de Ida Panahandeh; "Viva à França", de Christian Carion; "Sangue do Meu Sangue", de Marco Bellocchio; "Paterson", de Jim Jarmusch; "David Lynch: A Vida de Um Artista", de Jon Nguven, Rick Barnes, Olivia Neergaard-Holm; "Visages Villages", de Agnès Varda e JR - indicado ao Oscar de Melhor Documentário; "Amante por Um Dia" e "À Sombra de Duas Mulheres", ambos com direção de Philippe Garrel; entre outros.

REDES SOCIAIS

Facebook: facebook.com/fenixdistribuidoradefilmes

Instagram: instagram.com/fenixcine

YouTube: youtube.com/comunicatucuman

